

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IN MEMORIAM CARLOS SAURA
14 e 30 de junho de 2023**

**LA CAZA / 1966
(A Caça)**

Um filme de Carlos Saura

Realização: Carlos Saura / Argumento: Carlos Saura e Angelino Fons / Direcção de Fotografia: Luis Cuadrado / Decoração: Carlos Ochoa / Música: Luis de Pablo / Som: Enrique Molinero / Montagem: Pablo del Amo / Interpretação: Ismael Merlo (José), Alfredo Mayo (Paco), Jose Maria Prada (Luis), Emilio Gutierrez Caba (Enrique), Fernando Sanchez Polack (Juan), Violeta Garcia (Carmen), Maria Sanchez Aroca (a mãe de Juan).

Produção: Elias Querejeta Producciones Cinematograficas / Produtor: Elias Querejeta / Cópia: em 35mm, preto e branco, falada em espanhol com legendagem electrónica em português / Duração: 87 minutos / Estreia em Portugal: Estúdio, a 23 de Setembro de 1970.

A sessão de dia 30 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

Como se não bastasse a coincidência de dois filmes feitos na Península Ibérica entre 1963 e 1966 terem tido como título "*A Caça*" (referimo-nos naturalmente ao filme de Manoel de Oliveira) dá-se ainda a coincidência suplementar de ambos começarem de maneira semelhante, com planos de bichos predadores de pequeno porte enjaulados (a raposa em Oliveira, os furões no filme de Carlos Saura). Provavelmente Carlos Saura não conhecia o filme de Oliveira (e daí, quem sabe, se calhar até viu, e se calhar até "citou"), mas em todo o caso o que começa por impressionar na entrada de **La Caza** não é a "referência", é mesmo a *coincidência* — como se uma alusão muito semelhante (carnívoros em cativeiro) valesse, com o mesmo grau de perturbação e multiplicidade de "modos de leitura", para ambos os países ibéricos à entrada dos últimos dez anos de regimes ditatoriais velhos de décadas.

La Caza foi um dos projectos mais ousados dos primórdios da carreira de Saura, até pelas suas alusões muito directas à Guerra Civil iniciada exactamente trinta anos antes. Se ainda era um "jovem cineasta" (32 anos na altura) já não era um perfeito desconhecido, a sua primeira longa-metragem (**Los Golfos**) fizera suficiente sucesso para chamar a atenção sobre ele e para lhe espicaçar a ambição. Apesar disso, o projecto de **La Caza** foi recusado por quase todas as portas a que bateu, e que terão sido cerca de uma dezena. A única porta que se abriu foi a de um jovem produtor, mais ou menos da mesma idade de Saura mas ainda com menos currículo do que ele: Elias Querejeta. **La Caza** foi o arranque de Querejeta como produtor em nome próprio, ele que viria a ser um dos nomes fundamentais de um "novo cinema espanhol" nas décadas subsequentes, produzindo, entre outros, Victor Erice.

Embora provavelmente todos os outros produtores tivessem farejado o potencial problemático de **La Caza**, a verdade é que o filme tem uma construção inteligentíssima, sem oferecer, no que toca a um comentário sobre a sociedade espanhola do franquismo, sobre a sua violência latente, machista e fetichista (as armas), sobre a memória da Guerra, ou sobre o deslizamento do poder dentro da estrutura social (o filme sugere, nas personagens do aristocrata e do industrial, uma passagem de poder do "sangue" para o "dinheiro") — sem oferecer sobre nada disto, dizíamos, um comentário de sentido definido ou, pelo menos único. De certa forma é capaz de ser o filme mais buñueliano de Saura, reminescente até de algumas coisas que Buñuel fez no México — é ver, por exemplo, a forma como aqui se filma as armas, os vários planos aproximados que mostram em detalhe as espingardas dos caçadores mas também a relação, quase "sensual", entre as mãos dos caçadores e as espingardas. O fetichismo nunca está longe, as conotações sexuais também não (e se as únicas mulheres do filme são a mãe de um dos caçadores e a miúda que nalguns momentos os acompanha, várias vezes são tema de conversa ou, pelas revistas eróticas folheadas nos momentos de pausa na caçada, de desejo expresso).

O que é especial em **La Caza** é a maneira como põe tudo em relação parecendo fugir a uma racionalização dessa relação ou dessas relações. É válido para a paisagem, terrenos semi-desérticos algures na planície castelhana que terão sido realmente o local de uma importante batalha da Guerra Civil tal como os protagonistas (todos veteranos falangistas) referem; é válido para o relacionamento entre o trio de caçadores, cuja superficial camaradagem está constantemente a ser corroída pela sugestão de uma hierarquia de poderes (o dinheiro de Paco, de que os outros dois, de modos diferentes, dependem); é válido para a relação entre eles, os "velhos", e o par jovem formado por Enrique (que diz que "não depende de ninguém" e é o único que se salva na carnificina final) e por Carmen, talvez a presença mais misteriosa no filme (até em termos de atributos simbólicos).

Entre a embriaguez da matança (o tiro ao coelho, que nalgumas cenas é cruamente realista e não deixa de apontar à lembrança da **Règle du Jeu** de Renoir) e a embriaguez do álcool propriamente dito, temperadas pela canícula do verão castelhana que o filme sugere formidavelmente, **La Caza** filma, no fundo, uma forma de "entropia", uma desagregação nascida de "dentro" que acaba, fatalmente, em desastre.

Luís Miguel Oliveira